



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FABIANA VENANCIO DA SILVA MORAIS

**MULHERES SHAKESPEAREANAS: ENTRE O SILÊNCIO E A
ELOQUÊNCIA.**

GUARABIRA – PB

DEZEMBRO/2011

FABIANA VENANCIO DA SILVA MORAIS

**MULHERES SHAKESPEAREANAS: ENTRE O SILÊNCIO E A
ELOQUÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB

DEZEMBRO/2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

M827m

Morais, Fabiana Venancio da Silva

Mulheres Shakespeareanas: entre o silêncio e a
eloquência / Fabiana Venancio da Silva Moraes. –
Guarabira: UEPB, 2011.

15f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Sueli Meira Liebig”.


1. Discurso Feminino 2. Shakespear 3. Silêncio
I.Título.

22.ed. 809.927

MULHERES SHAKESPEARIANAS: ENTRE O SILÊNCIO E A ELOQUÊNCIA.

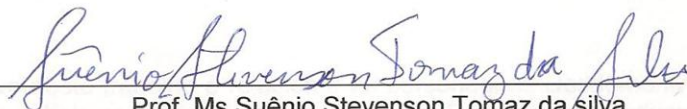
Fabiana Verônica da Silva Moraes

Aprovada em 06/12/2011.



Prof. Dr^a. Sueli Meira Liebig

Orientador



Prof. Ms Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Examinador



Examinador

Profa. Ms. Monaliza Rios Silva

GUARABIRA – PB

DEZEMBRO/2011

MULHERES SHAKESPEAREANAS: ENTRE O SILÊNCIO E A ELOQUÊNCIA

Fabiana Venâncio da Silva Morais

Resumo

O objetivo deste trabalho é relacionar as personagens Desdêmona e Catarina, das peças shakespearianas *Otelo* e *A Megera Domada*, respectivamente, a fim de analisar as diferentes formas que o papel da mulher pode assumir no contexto da Inglaterra seiscentista. Examinaremos a representação da mulher nas duas obras, sob o ponto de vista da mulher que cala e da que fala, através de fragmentos extraídos das peças, para que possamos senão justificar, mas pelo menos entender o mecanismo que permeia a construção de uma personagem tão especial quanto a “megera” Catarina, que na contramão do perfil da mulher elisabetana prova-se determinada, arredia e eloqüente, expressando um discurso que desconstrói a epistemologia sobre a condição da mulher no século XVI. Com tal fito, buscaremos apoio em estudos culturais, sociológicos e psicológicos acerca do tema, como forma de desmitificar o estereótipo da mulher subalterna e silenciosa que grassa a literatura inglesa da época de Shakespeare e dos três séculos subsequentes.

Palavras- chave: Shakespeare. Discurso Feminino. Silêncio. Eloqüência.

1- INTRODUÇÃO

A criação poética de Shakespeare marcou um período muito importante em termos revolucionários e de mudanças no pensamento ocidental, abordando idéias e conceitos que atravessaram séculos e permanecem atuais até os nossos dias. Com a valorização do homem durante o Renascimento, Deus deixou de ser o centro e o indivíduo teve a oportunidade de agir e pensar, deixando de ser escravo das doutrinas religiosas e passando a ser dono da sua

própria história. Foi nesse período histórico, diante de tamanhas transformações, que Shakespeare viveu e escreveu suas obras, colocando em muitos de seus personagens a representação do espírito renascentista.

Apesar de todas as mudanças no período Renascentista, as restrições de gênero, etnia e classe social continuavam a estabelecer as formas como as pessoas deviam ser tratadas. Na Inglaterra de Shakespeare, a mulher tinha papéis limitados: dona de casa, mãe, esposa, elas eram proibidas de assumir cargos que eram considerados pré-destinados por Deus a serem apenas para os homens. Assim sendo, não tinham destaque na sociedade, na política, nas artes, no mundo das diplomacias. A mulher era considerada um ser fraco, passivo, submisso, movido por emoções e sentimentalismos, já o homem, como o oposto em tudo, era o ser forte, firme, corajoso, movido de razão e que podia alcançar o cargo que bem quisesse.

O que pretendemos investigar neste estudo é a contradição existente entre os comportamentos de duas das suas personagens femininas: Desdêmona, a protagonista da tragédia *Otelo*, e Catarina, da comédia *A Megera Domada*, com o intuito de descobrir o que está por trás do comportamento excêntrico da segunda, que contrariando todos os prognósticos revela-se uma mulher de temperamento explosivo, rebelde e dona de um gênio indomável. Enquanto Desdêmona é o protótipo da submissão e do silêncio, como a Ofélia de *Hamlet*, a Lavínia de *Titus Andronicus* ou a Cordélia de *King Lear*, dentre tantas outras mulheres shakespearianas, Catarina se destaca pela eloquência, pelo seu modo intempestivo e rude de falar, e até mesmo de gritar e esbravejar, agindo na contramão das demais.

Por fundamentação teórica, utilizaremos-nos de estudos sobre o discurso feminino (FERREIRA, 2009); psicologia social (LANE, 1981); identidade cultural (HALL, 2009); espírito das épocas (MONIZ, 1984), dentre outros. Por fim, cotejaremos passagens de ambas as obras no intuito de justificar a existência de uma personagem tão polêmica quanto Catarina, que desconstrói toda a epistemologia sobre a condição e o comportamento feminino no século XVI.

2- A MULHER NA ERA ELISABETANA

A rainha Elizabeth ficou conhecida pela maldade com que reinou na Inglaterra. Sem poupar amigos e muitos menos os inimigos, não perdoou os homens a quem amou, executando todos por quem se sentiu traída. Esse gênio implacável herdou de seu pai, Henrique VIII, que matou várias de suas mulheres, inclusive a mãe de Elizabeth. Ela sustentava o direito da monarquia, usando seu poder para destruir todos aqueles que ousassem atravessar o seu caminho discordando de suas idéias. Não admitia oposição, pensadores que se opunham aos seus projetos, e, ainda reprimia o povo, de modo a ter mandado milhares de pessoas para a forca, a fogueira e ao cepo.

Em relação à religião, condenava a todos que se convertessem ao Catolicismo, preservando-se soberana no Anglicanismo, estabelecendo pena de morte a qualquer um que julgasse herege. Dentre os castigos aplicados pela rainha aos que a desobedeciam, estão os cortes das orelhas, da língua e dos membros. Ainda assim, Shakespeare teve a coragem de condenar tais atos, mesmo podendo também ser morto. Segundo Edmundo Moniz, em *O Espírito das Épocas*:

Manifestou-se Shakespeare contra a nobreza hereditária, o absolutismo monárquico, a intolerância religiosa, os preconceitos raciais ao mesmo tempo que aceitou uma série de princípios profundamente revolucionários para o seu tempo: a equivalência moral e intelectual do homem e da mulher, a rebelião da mocidade contra a tirania patriarcal, o direito de amar livremente, o sentimento de igualdade entre os homens e os povos. (MONIZ, 1984, p. 69)

Com esta afirmação, o que observamos é que Shakespeare estava à frente do seu tempo, idealizando um mundo moderno, onde a mulher deveria ter o direito de falar, se expressar e ter a liberdade de escolha, pois durante o século XVI a mulher era vista como propriedade privada de seu senhor, era obrigada a ser o que não era de sua vontade, mas da vontade de uma sociedade que a tratava como objeto de procriação e obediência.

No entanto, embora o desempenho social da mulher fosse bem limitado, durante o reinado da rainha Elizabeth I (1558-1603), as mulheres tinham mais liberdade que as mulheres da Europa Continental, pois podiam ir à igreja, a lugares públicos e em alguns casos também assumiam o papel de chefes de

família, tendo direito a se profissionalizarem e até possuir propriedades. Além disso, existiam aquelas que eram chamadas de “megeras” por terem um gênio indomável e não se submeterem ao sistema da época, onde as mulheres sofriam pela restrição de gênero, onde sua identidade definia-se no ser mãe e esposa. Invocava-se o mito da identidade da mulher para que ela não assumisse outros papéis como cargos de destaque na sociedade, na política, nas artes, enquanto os homens continuavam a exercer as melhores profissões. Os casamentos eram arrumados pelos pais, em casos não raros eram prometidas desde crianças, sendo forçadas a casarem sem amor e recebendo instruções desde cedo para serem as “perfeitinhas do lar”.

3- ENTRE O SILÊNCIO E A ELOQUÊNCIA

3.1- Conceito de silêncio

O silêncio revela diversas funções, propósitos e mistérios no palco em que inconscientemente, as pessoas desempenham seus dramas e comédias relacionais. Desta afirmação decorre que, para se alcançar o significado do silêncio, o que o promove e o que o impede, é necessário examinar os tipos de personalidades. A força do vínculo com o silencioso poderá determinar o grau do sofrimento e da profunda angústia que aquele que silencia gostaria de expor e prefere calar, talvez pelo medo de expressar concretamente o que sente e causar transtornos maiores ou quem sabe pela timidez, por doutrinas religiosas ou até mesmo pela educação. Segundo a definição do dicionário mini Aurélio, a palavra silêncio significa:

sm. 1. Estado de quem se cala. 2. Interrupção de correspondência epistolar. 3. Ausência de ruído. 4. Sossego, calma. 5. Sigilo, segredo. •Interj. 6. Para mandar calar ou impor sossego. (AURÉLIO, 2001, p. 636.)

Em *Otelo*, a personagem Desdêmona é um exemplo de mulher que silencia; o que precisamos saber é o que se passa psicologicamente por trás desse silêncio. Na ausência das palavras, é importante perceber o sentido da relação e o que se quer dizer, para que desta forma palavras não precisem ser

expressas para que os sofrimentos sejam amenizados. Todos os significados da palavra silêncio aqui são válidos, pois se aplicam a momentos singulares e oportunos, dependendo do sentimento provocado. A prática do silêncio começa no plano físico e se transfere para o plano das emoções e dos pensamentos. Mas o silêncio não significa, necessariamente, ausência de palavras. O sábio pode praticar um silêncio setorial enquanto convive fraternalmente com as pessoas, evitando pensar ou falar sobre questões pessoais e mantendo seus pensamentos e palavras em um nível acima das questões menores.

3.2- Conceito de eloquência

De acordo com o Mini Aurélio, a palavra eloquência está definida da seguinte forma: “Sf. 1. Capacidade de exprimir-se facilmente. 2. A arte de persuadir, comover, etc., pelas palavras.” (op. cit.) Este conceito personaliza o indivíduo que tem o dom da comunicação como sua maior arma de defesa. O poder de convencer o outro a acreditar naquilo que desejamos é uma tarefa muitas vezes impossível para alguns que não tem facilidade em dominar as palavras. Nosso modo de agir diante de algumas situações é determinado por uma série de influências que sofremos ao longo da vida, estas podem nos emudecer ou nos ajudar a criar a nossa própria identidade social enquanto seres falantes e pensantes. Segundo Lane:

O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu “eu” neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e os outros. É neste processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência- de si- mesmo. (LANE, 1981, p. 16).

Na era de Shakespeare a expressão dos pensamentos era proibida às mulheres. Ainda assim, ele criou personagens como a “megera” Catarina, que pela eloquência vai de desencontro aos princípios sociais do século XVI. Ao

valorizar as reações psicológicas de seus personagens, o bardo inglês propicia um modo de inseri-los no contexto histórico em que vivem, fazendo-os parecer mais que simples personagens, criações quase que humanas. Segundo Matus,

É que suas personagens eram “pessoas de carne e osso, e não ficções da mente”. Elas refletem o conhecimento íntimo que Shakespeare tinha das qualidades de seus colegas atores. (MATUS, 1993, P. 53)

Assim, Catarina é concebida como uma personagem eloqüente, transgressora, capaz de enfrentar seu pai e a todos para não se submeter aos caprichos da época, onde se destacam o dom da fala e o poder da persuasão, como iremos comprovar através da análise do seu discurso mais adiante.

4- RESUMO DAS OBRAS

4.1- Otelo: o mouro de Veneza

Otelo, o Mouro de Veneza (no original, *Othello, the Moor of Venice*) é uma obra de Shakespeare, escrita por volta do ano de 1604. Embora conte com a participação de vários personagens, a peça gira em torno de quatro: Otelo, (um general mouro que serve ao reino de Veneza), Desdêmona, (filha de Brabâncio, um rico senador), Iago, (alferes) e Cássio, (tenente.)

A tragédia gira em torno da inveja que Iago (homem cruel e de mente perversa) tem de Cássio (homem bom e leal), que assumiu o cargo de tenente por indicação de Otelo, cargo este que Iago ambicionava. O mouro apaixonou-se por Desdêmona que o corresponde em amor, enfrentando a fúria de seu pai, que sempre achou que sua bela filha casaria com alguém do meio senatorial ou cargo semelhante:

Meu nobre pai, percebo um dividido dever: A vida e a educação vos devo, educação e vida que me ensinam a saber respeitar-vos. Sois o dono do meu dever, sendo eu, pois, vossa filha. Mas também aqui vejo meu marido; e quanto minha mãe vos foi submissa, preferindo-vos mesmo aos próprios pais, tanto agora pretendo revelar-me em relação ao mouro, a quem pertenço. (SHAKESPEARE, 1998,p. 38)

Inconformado com a felicidade do mouro, Iago começa a tramar a partir daquele momento uma intriga para prejudicar Otelo e, naquele instante, Desdêmona é o seu ponto mais vulnerável. Então, Iago vai influenciando Otelo a acreditar que sua amada esposa o está traindo com o seu tenente Cássio. Atormentado pelos ciúmes e totalmente descontrolado, o mouro acredita na farsa de Iago e no auge do desespero e da insanidade, mata por asfixia a submissa e desditosa Desdêmona no seu próprio leito. Após isso, Emília, esposa de Iago e ama da jovem senhora, sabendo do seu assassinato, revela a Otelo que a cena da traição havia sido forjada por seu marido e que Desdêmona jamais lhe fora infiel. Iago então mata Emília e foge, mas logo é capturado. Otelo, desesperado ao saber que matara sua amada esposa injustamente, apunhala-se, e, caindo sobre o corpo de sua mulher, morre beijando a quem tanto amara.

4.2- A Megera Domada

A comédia *A Megera Domada* (*The Taming of the Shrew*), (1593-1594), tem como protagonista a terrível Catarina, uma moça jovem e bonita, mas de um gênio insuportável. Sua irmã, a doce Bianca, tem três pretendentes, enquanto que Catarina põe a correr todos os que tentam cortejá-la. Dessa forma ela impede a irmã de casar-se, pois seu pai só dará a mão de Bianca em casamento quando Catarina, sua filha mais velha, estiver casada.

De repente, um jovem chamado Petróquio, fica encantado ao saber da má fama de Catarina e aceita o desafio de convencê-la a casar-se com ele, provando para todos que poderá transformá-la numa esposa dedicada e obediente. Após o casamento, seguem viagem e em seu novo lar a recém-casada, que sempre falou e fez tudo o que queria se vê obrigada a romper com seus valores feministas para iniciar uma nova vida de submissão:

Assim, com muita astúcia, começo meu reinado e espero terminá-lo com sucesso... E enquanto não ficar bem amestrado, não mandarei matar a sua fome. Assim aprenderá a obedecer ao dono... Assim se mata uma mulher... Eu dobrarei seu gênio áspero e raivoso..." (SHAKESPEARE, 1998, p. 88)

No início da convivência Catarina responde a Petróquio com gritos e desaforos, mas por se encontrar sozinha e sem o apoio da família, vê-se obrigada a cumprir seus deveres de esposa, terminando por aceitar as ordens que Petróquio, que lhe impõe ordens e castigos como se ela fosse sua filha mais velha, fazendo-a tornar-se mais obediente que sua irmã, deixando a todos perplexos com tamanha mudança.

5- SOBRE O DISCURSO FEMININO NAS PEÇAS

Na comédia *A Megera Domada*, Catarina aparece como uma mulher que não se enquadra nos padrões do sistema vigente, demonstrando rebeldia e desobediência:

“Os burros foram feitos para a carga. Como você.”
(SHAKESPEARE, 1998, p. 53).

“Galo sem crista não é galo para mim.”

(SHAKESPEARE, 1998, p. 55).

A trama deixa transparecer a forte discriminação sofrida pelo sexo feminino, demonstrando através do discurso de Catarina o que há no íntimo de muitas mulheres, que desejam sentir o gosto da liberdade de expressão. Entretanto, como iremos constatar mais à frente, a peça também serve para ironizar o comportamento da mulher que não se submete aos padrões de conduta social da época, pois mesmo com toda sua eloquência, a megera não consegue fugir de um casamento forçado onde termina sendo mais submissa que outras mulheres consideradas “doces”, como sua irmã Bianca.

Segundo Dina Maria Ferreira, (2009) a identidade de cada um se dá à medida que mudamos de comportamento, de acordo com as nossas conveniências. Enquanto nos achamos diferentes dos outros, a nossa maior diferença está entre “nós” e “nós mesmos”. Desdêmona, por exemplo, perde sua identidade quando aceita as acusações de Otelo quase que em silêncio, quando se submete totalmente às injúrias e se afoga num medo que não a

permite questionar, apenas ouvir. A mulher que embora timidamente havia truncado com o pai tentando convencê-lo a deixá-la viver ao lado do seu grande amor, afrontando a opinião de uma sociedade racista e preconceituosa, torna-se submissa e reprimida, anula sua identidade a partir do instante em que sai de cena a filha de Brabâncio e entra a esposa, dona do lar, senhora dos afazeres domésticos, submissa a Otelo. Como explica Ferreira,

... a “variável” do feminino se constrói por linguagens discursivas, pela voz de sujeitos situados em um tempo e um espaço cultural, que mediatizam “valores” sociais de um “ser”. (FERREIRA, 2009, P. 128.)

Podemos explicar essa mudança de comportamento da personagem como um fenômeno provocado pelo espaço sociocultural onde ela está inserida, pois o que observamos é que ela sofre uma pressão psicológica muito grande por parte de todos que a rodeiam. A sua mudança comportamental associa-se à sua própria religiosidade, que a torna incapaz de crer na traição das mulheres aos seus senhores: a condição de mulher casada a faz seguir as doutrinas cristãs de obediência e servidão:

Otelo: “Pensa nos teus pecados.”

Desdêmona: “Só consistem no amor que vos dedico.”

(SHAKESPEARE, 1998, p.140)

Otelo: “Quem és tu?”

Desdêmona: “Senhor, sou vossa esposa, vossa esposa leal e verdadeira.” (SHAKESPEARE, 1998, p. 120)

Já em Catarina, a submissão vem forçadamente por uma pressão psicológica que inclui uma série de situações desfavoráveis e discriminações: ao ser considerada uma “megera”, “um verdadeiro diabo”, e ao sentir-se sem a proteção do pai, vivendo com alguém que mal conhece, mas que a trata com um rigor grosseiro, Catarina não tem outra opção a não ser mudar o seu discurso, transformando-se numa “mulher exemplar”:

... o marido é teu senhor, tua vida, teu protetor e chefe soberano... E não exige de ti outro tributo

senão amor, beleza, sincera obediência... O mesmo dever que prende o servo ao soberano prende, ao marido, a mulher... Vejo agora, porém que nossas lanças são de palha. Nossa força é fraqueza, nossa fraqueza, sem remédio. E quanto mais queremos ser, menos nós somos...
(SHAKESPEARE, 1998, p. 128.)

Como podemos observar, a identidade social do sujeito é móvel, condicionada ao meio em que vive e às experiências vividas em sociedade.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desdêmona e Catarina são personagens que se podem confrontar pelo viés discursivo que apresentam nas obras que protagonizam. Enquanto a primeira tem como característica a submissão, valor considerado padrão na sociedade elisabetana, a segunda se diferencia pela eloquência.

Desdêmona “fala” através do silêncio, apenas com seus olhos, esperando que Otelo a entenda sem que precise dizer sequer uma palavra em defesa própria. Em vários trechos do texto nota-se que ela, quando mesmo acusada de traição, permanece com a meiguice e a subserviência que lhe são características. Educada para reagir de tal maneira e tomando como exemplo o comportamento de sua mãe. Está sempre pronta para acalmar o seu marido e senhor através de um discurso terno e resignado: “Senhor, sou vossa esposa, vossa esposa leal e verdadeira.” (SHAKESPEARE, 1998, p. 120). Ainda assim, não pode escapar do trágico destino que a espera: a morte pelas mãos do homem a quem tanto amara.

Em contrapartida, Catarina, enquanto solteira, fala sem medir as palavras, ataca como pode: “Os burros foram feitos para a carga. Como você.” (SHAKESPEARE, 1998, p. 53). Após o casamento, vai se tornando aos poucos uma mulher submissa por não ter outra opção: lutando sozinha contra uma sociedade que a julga “louca”, “doente”, “megera indomável”, a solução é aceitar a condição de sujeito subalterno imposta pelo seu marido e senhor.

Sendo assim, podemos concluir que o sujeito social é moldado de acordo com a cultura na qual está inserido e lapidado pelas experiências

vividas. O curioso é que esta peça também serve para ironizar o comportamento da mulher que tenta lutar contra os padrões morais de uma sociedade patriarcal e machista, reservando para Catarina um destino não menos trágico do que o de Desdêmona: ao invés da morte física, a morte espiritual, o apagamento de uma identidade antes rebelde e insubmissa, agora transformada numa nova identidade, a de sujeito subalterno.

7- REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Dina Maria Martins. *Discurso feminino e identidade social*. 2º Ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

Hall, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.

LANE, Silvia T. Maurer. *O que é psicologia social?*-São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

LEÃO, Luana de Camargo & SANTOS, Marlene Sores dos. *Shakespeare: sua época e sua obra* (org.). – Curitiba: Editora Beatrice, 2008.

MATUS, Irvin. *Em busca de Shakespeare: Quem foi o autor? Duas versões*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MONIZ, Edmundo, 1911- *O Espírito das épocas: dialética da ficção*. Rio de Janeiro: Elo Ed., 1984.

MUZKAT, Malvina. *Consciência e Identidade*. São Paulo: Ática, 1986.

SHAKESPEARE, William. *A megera domada*. Tradução de Millôr Fernandes. - Porto Alegre: L&PM, 2008.

SHAKESPEARE, William. *Otelo: tragédia*. 7 edª. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

Sites consultados

<http://www.topgyn.com.br/conso26/conso26a45.php>. Acessado em: 01-12-2011.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. *Quando o silêncio aprisiona*. *Bol. psicol*, São Paulo, v. 57, n. 126, jun. 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S000659432007000100009&script=sci_arttext. Acessado em 01-12-2011.